A GLOBALIZAÇÃO E A NOVA QUESTÃO NACIONAL

Octavio Ianni

1. Estruturas Mundiais de Poder

Esta é a idéia ou hipótese fundamental: a globalização envolve a gênese e o desenvolvimento de uma vasta **totalidade geohistórica ou histórico-social, simultaneamente complexa, contraditória e abrangente.** Tende a articular, impregnar ou mais propriamente determinar, às vezes decisivamente, indivíduos e coletividades, grupos e classes sociais, governos e regimes, territórios e fronteira, modos de vida e trabalho. Tudo e todos parecem continuar no mesmo lugar, como dantes, mas uns e outros, as coisas, as gentes e as idéias, estão sendo tanto dinamizados e recriados como transfigurados ou dissolvidos.

Está em curso o desenho de um novo mapa do mundo, com outros traços, movimentos, coloridos, sonoridades, expressões, possibilidades e impossibilidades. O indivíduo pode ser cidadão desta ou aquela nação e, simultaneamente, cidadão do mundo, sem prejuízo de ser as mesmo tempo membro de uma coletividade local e regional, além de sua condição de membro desta ou aquela classe social. O Estado-Nação continua a ser Estado-Nação, mas são outras as condições e as possibilidades da soberania. as mesmo tempo, modificam-se as condições e as possibilidades do partido político, sindicato, movimento social e corrente de opinião pública. Acontece que os quadros sociais e mentais de referência passam a ser mais decisivamente influenciados pelas corporações da mídia impressa e eletronica, que adquire todas as carecterísticas de um

* V Simposio Internacional de América Latina y el Caribe: el desafío de los procesos de desarrollo e integración en el nuevo milenio, Universidad de Buenos Aires, Facultad de Ciencias Económicas, Buenos Aires, 23, 24 y 25 de octubre, 2002.

"principe eletronico". Sendo assim, alteram-se, dinamizam-se ou mesmo limitam-se drasticamente as condições e as possibilidades de construção de hegemonias alternativas, por meio das quais poderiam manifestarse setores, grupos e classes sociais subalternos.

Assim como se alteram as condições e possibilidades de soberania, também se alteram as condições e possibilidades de construção de hegemonias alternativas. Nesse sentido é que tanto se modificam os papeis dos partidos e sindicatos como dos movimentos sociais e correntes de opinião publica. Alteram-se, as vezes radicalmente as condições de formação e desenvolvimento de consciência social de indivíduos e coletividades. É óbvio que a mídia, em geral, passa a influenciar mais ou menos decisivamente as mentes e os corações de uns e outros, em todo o mundo. Podem produzir-se ou fabricar-se unanimidades surpreendentes, insolitas ou assustadoras, inclusive lançando mão da estetização, sensualização, satanização ou beatificação, conforme os interesses predominantes na ocasião.

Ocorre que o capitalismo, visto em perspectiva histórica de longa duração, logo se revela como modo de produção e processo civilizatório. Desde os primeiros momentos de sua gênese, ele tem criado e recriado, dissolvido e transfigurado, modos de vida e trabalho, formas de sociabilidade e ideais, instituições jurídico-políticas e estilos de pensamento.

Nesse sentido é que cabe relembrar as grandes navegações, descobrimentos e conquistas iniciados desde fins do século XV e amplamente dinamizados no longo dos tempos modernos. Nesses vasto cenario geohistórico, desenvolvem-se o Mercantilismo, o Colonialismo, o Imperialismo e o Globalismo, em geral mesclados e reciprocamente referidos, atritando-se e fertilizando-se. Há algo de Acumulação Originária desenvolvendo-se permanentemente e reiteradamente no curso da expansão do capitalismo pelos quatro cantos do mundo. Assim como há algo de Colonialismo e Imperialismo permeando continua e reiteradamente o Globalismo[1].Êsse é o vasto cenário geohistórico no qual se desenvolve o Nacionalismo, o Tribalismo e o Regionalismo, empreendendo as suas expressões ou singularidades politico-economicas, sócio-culturais, linguísticas, religiosas e outras. Talvez se possa relembrar que essas são configurações histórico-sociais, ou geohistóricas, em geral inseridas, subordinadas ou até mesmo preponderantes, conforme a época, no

âmbito do Colonialismo, Imperialismo e Globalismo.

Cabe reconhecer, pois, que a globalização, e globalidade ou o globalismo compreende um novo surto de expansão das fôrças produtivas e relações de produção capitalistas. Algo que é inerente à dinâmica do capital, já evidente nos primórdios, adquire amplitude e intensidade crescentes durante a Guerra Fria, alcançando amplitude e intensidade excepcionais com a desabregação do Bloco Soviético, do Mundo Socialista. É como se as nações nas quais se havia experimentado o regime socialista se transformassem, de-repente, em vastas e lucrativas fronteiras de expansão do capitalismo. É como se a Acumulação Originária, em sua acepção genética e estrutural, adquiriese novo ímpeto, em escala transnacional e eletronica[2].

Êsse o ambiente em que se desenvolve uma espécie de "revolução agrária" de alcance mundial. Em diferentes gradações, o **agro-business** floresce em nações, continentes, ilhas e arquipélagos. De par-em-par com a maquinização e quimificação, expande-se a engenharia genética. As lavouras e as criações ingressam em uma nova etapa de organização, dinamização, produtividade e lucratividade. Muitos trabalhadores rurais assalariados e pequenos proprietários são deslocados, realocados, proletarizados, desempregados ou fôrçados a migrar. A nova divisão transnacional do trabalho e da produção provoca não só a industrialização como também a urbanização, vista inclusive como modo de vida, padrão de sociabilidade, inserção na sociedade informática. São tantas e tais as mudanças sócio-culturais e político-econômicas que ocorrem na agropecuária, envolvendo assalariados, pequenos proprietários, grandes proprietários, processos fordistas e pós-fordistas, engenharia genética e meios eletrônicos de informação e decisão, que se pode dizer que está em andamento a dissolução do mundo agrário. Sim, modifica-se drasticamente o significado histórico-social do mundo agrário quando se dissolvem as "antigas" contradições campo-cidade ou agricultura-indústria. A dinâmica das fôrças produtivas empregadas na agropecuária aproxima-se crescentemente do ritmo do fordismo, pós-fordismo, toyotismo e outras inovações ou recriações dos processos de trabalho e produção.

É evidente que a corporação trensnacional está na base do processo de globalização. Trata-se de um produto e condição do modo pelo qual se transnacionalïzam e dinamizam o capital, a tecnologia, a fôrça de trabalho, a divisão do trabalho e o planejamento,

em escala nacional, regional e mundial. Sim, a corporação é ininteligivel sem o planejamento mais ou menos sofisticado dos meior e fina, realidades e potencialidades competições e alianças, monopolização e cartelização. Cada grande corporação desenvolve e sua geoeconomia; assinala espaços ocupados, potenciais e a disputar; desenha o seu mapa do mundo. **O mesmo neoliberalismo que sataniza o planejamento econômico governamental santifica o planejamento econômico empresarial**, favorecendo assim a reprodução ampliada do capital eo predomínio da visão econômioa do mundo[3].

Êsse o cenário em que os territórios e as fronteiras nacionais transformam-se, provavelmente mais do que nunca, em segmentos de mercados regionais e mundiais. O Estado-Nação tende a ser desafiado a ajustar-se ás propostas, injunções, vantagens ou imposições apresentadas pelas corporações. Em diferentes gradações, conforme a fôrça e autonomia, ou debilidade e dependência da economia nacional, lato é, do Ectado-Nação, a corporação adquire maior ou menor presença na maneira pela qual se organizam e movem as políticas econômico-financeiras nacionais. Êsse o contexto em que algumas organizações multilaterais, tais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BIRD), a Organizaçao Mundial do Comércio (OMC), o Grupo dos Sete (G7), e outras revelam-se guardiãs da "saude" economica mundial e nacional, mas sempre tendo em conta também a garantia das condições propicias as funcionamento e à expansão das corporações transnacionais. Vistas em conjunto e em suas peculiaridades, as organizações multilaterais e as corporações transnacionais revelam-se na prática poderosas estruturas mundiais de poder, em geral sobrepondo-se à maioria dos estados nacionais[4].

Assim, formem-se, desenvolvem-se e expandem-se poderosas **tecnoestruturas mundiais**. Além das tecnoestruturas que dirigem e operam as corporações, por um lado, e as organizaçóes multilaterais, por outro, também se formam e desenvolvem se agencias de **rating**, os **think tanks**, os escritórios de assessoria e consultoria, as corporações do **marketing** e as corporações da mídia. São muitas se tecnoestruturas realizando diagnósticos e prognósticos, **lobbings** e "vasamentos" de informações, de tal modo que o cenário mundial se povoa de especialistas, tecnicos, gerentes, **managers**, **ceos** e muitos outros profissionais originários

dos mais diversoe setores de atividades científicas e tecnológicas, acadêmicos e extra- acadêmicos. É toda uma vasta população de intelectuais de todas as especialidades, compondo o que podem ser diversos **intelectuais coletivos e orgânicos**, operando grande parte da máquina do mundo. São muitas, autonomas ou articuladas, associadas ou divergentes, competitivas ou cartelizadas, as tecnoestruturas atuando em escala mundial. São ativas e decisivas no modo pelo qual se desenvolve a globalização pelo alto. Em larga medida, as poderosas tecnoestruturas que operam a maquina do mundo localizam-se nas grandes cidades, verdadeiras metrópoles de novo tipo ou cidades globais. Nelas tomam-se decisões que transcendem territórios e fronteiras, governos e regimes, indivíduos e coletividades[5].

Cabe esclarecer que as poderosas tecnoestruturas mundiais, com as quais se dinamiza a globalização do capitalismo "desde cima", organizam-se em poderosos blocos mundiais de poder. É evidente que as tecnoestruturas das corporações transnacionais e das organizações multilaterais atuam tácita ou explicitamente em comum acordo.

A despeito da óbvia dinâmica particular de cada uma, todas estão, mais ou menos alinhadas, em termos de neoliberalismo, como teoria, prática e ideologia. O neoliberalismo favorece e impulsiona a transnacionalização dos fôrças, produtivas, compreendendo o capital, tecnologia, a fôrça de trabalho, adivisão do trabalho social, o mercado, o planejamento e o monopólio da violência; reconhecendo-se que o "monopólio da violência" é exercido pelas agências estatais organizações bilaterais e multilaterais, dentre as quais destaca-se a Organização do Atlantico Norte (OTAN); e as agéncias deinformação, rumores, desestabilização e destruição de governos e regimes politicos diferentes, alternativos; agencias que com frequência agem acionando operações e técnicas de terrorismo de Estado. Lembrando, inclusive, que o "planejamento" é uma poderosa tecnica de organização e ação das corporações transnacionais, bem como das organizações multilaterais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial .(Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, BIRD), a despeito da sistemática satanização do planejamento governamental que teve resultados altamente positivos em nações socialistas e algumas nações nas quais se ensaiaram projetos de capitalismo nacional. Em

outros termos, o mundo já está sendo amplamente administrado por tecnoedtruturas e blocos de poder nos quais predominam os interesses de elites governantes e classes dominantes em escala mundial.

2. Destruição Criativa

Já não é mais possivel falar em "nova ordem economica mundial", "mundo sem fronteiras", "aldeia global", "nova economia" e "fim da história". Em pouco tempo muitos, em todo o mundo, constataram que o neoliberalismo ou seja, o capitalismo em sua época neolibeiral, está atravessado por desigualdades, tensões e contradições políticoeconômicas e sócio-culturais frequentemente desastrosas. Em diferentes gradações, indivíduos e coletividades, assim como povos e nações, são postos diante de impasses, dificuldades, carências e impossibilidades geradas com a teoria, prática e ideologia do neoliberalismo; ou seja com efeitos destrutivos das relações, prossesos e estruturas que constituem o capitalismo na época do globalismo. Em ouco tempo, muitos são levados a reconhecer que os graves problemas criados com o neoliberalismo são os mesmos, graves e renovados, problemas que se criam contínua e reiteradamente com o capitalismo. Na época do globalismo, o capitalismo revela-se, mais uma vez, um modo de produção e processo civilizatório que leva consigo o progresso e a decadência, o mercado e a violência, guerra e a destruição, a racionalização do mundo e a barbarie mundial.

Êsse o clima em que germinam as mais diversas formas e técnicas de violência, atingindo indivíduos e coletividades, em âmbito local, nacional, regional e mundial. Êsse o clima em que germinam as mais diversas formas e técnicas de terrorismo; inclusive o terrorismo de Estado. A mesma "mão invisivel" do mercado, isto é, do capital, provoca a "destruição criativa", obsoletizando coisas, gentes e idéias, instituições e valores, em favor das corporações transnacionais, da concentração da riqueza mundial, da reprodução ampliada do capital, das estruturas mundiais de poder ou blocos de poder com os quais se institui a globalização "desde cima"; tudo isso impondo-se a indivíduos e coletividades, povos e nações, em todo o mundo.

O paradoxo mais evidente, quando se observa o novo mapa do mundo, e que ele se revela conturbado, atravessado por desigualdades sociais crescentes, povoado de tensões e conflitos

étnicos, religiosos e outros. Há guerras abertas e encobertas, de "baixa intensidade" e de "alta intensidade", "simétricas" e "assimétricas", nas quais nunca se sabe se o inimigo é real ou imaginário, inexistente ou necessário. Assim como no passado floresceu a "indústrias do anti-comunismo", desde a desagregação do bloco soviéticoo floresce a "indústria do terrorismo", na qual está compreendida a massiva e pervasiva criminalização de cada uma e todas as sociedades civis nacionais, bem como da nascente sociedade civil mundial, em termos de combate à "violência", as "narcotráfico", as "fundamentalismo", e às inquietações sociais de milhões de humilhado e ofendidos que povoam o mundo. Mobilizam-se politicamente fôrças econômicas e militares, policiais e de espionagem, secundadas pelas corporações da mídia, de forma a propiciar toda uma vasta redefinição e reiteração de supremacia dos Estados Unidos da América do Norte nos quatro continentes. Assim como no passado, a elites governantesas classes dominantes continuam a realizar operações de terrorismo de Estado, para combater o "terrorismo", transformado no inicio do século XXI em o inimigo indiepensavel para a sua poderosa e faminta máquina Industrial-militar.

A maioria dos paisses do primeiro, segundo, terceiro e quarto mundos, envolvendo continentes, ilhas e arquipelagos, estáem processo de transição, abalada pelo declinio do nacionalismo e desafiada pela emergência do globalismo. Em cada país e no mundo como um todo, desenvolvem-se desigualdades, tensões e contradições, político-econômicas e sócio-culturais, compreendendo etnias, géneros, religióes e línguas, tradições e memórias, realizações e utopias; transformando o significado de biografia e história, ciclos e épocas.

As desigualdades, tensões e contradições predominam amplamente sobre as acomodações, a integração e a resolução dos impasses, inquietações e reivindicações da grande maioria. Ao lado da altíssima concentração da riqueza social em alguns sementos das elites governantes e classes dominantes, inclusive em paises do quarto mundo, o que prevalece, predomina e cresce são o pauperismo e a lumpenização, denominados contemporaneamente de marginalidade, pobreza, miséria ou subnutrição.

Essa é a realidade social presente, e muitas vezes predominante, na América Latina e Caribe, África subsaharica, Magreb, Ásia e

Oceania; evidente também nas Europas Ocidental, Central e Oriental; assim como evidente inclusive na sociedade norteamericana.

Ao lado de alguns segmentos sociais dominantes, próaperos e beneficiários da conoentração da riqueza, predominam os segmentos sociais subalternos, nos quais prevalecem as carências sociais, desde a alimentação e educação à saude e habitação, desde o desemprego estrutural à migração em busca de trabalho através de paises e continentes; tudo isso mesclado de xenofobias, etnicismos, racismos e fundamentalismos; sem esquecer o fundamentalismo calvinista.

Tomados como um todo, os países da América Latina e Caribe compõem uma região em crise, atravessada por décadas perdidas e mergulhada em um ciclo de declínio. Frustram-se os objetivos e métodos da "agenda neoliberal" ou "Consenso de Washington". O processo de democratização tem sido apenas epidérmico e formal, com escassos desenvolvimentos propriamente políticos; e nulas realizações socias. Todas as nações latinoamericanas e caribenhas ingressam no século XXI em condições ainda mais dificeis, piores, do que as que tiveram em alguns momentos do século XX. Todos os projetos nacionais foram desmontados, a base das diretrizes e exigencias das corporações transnacionais e organizações multilateràis, que se traduzem nestes eufemismos: "agenda neoliberal" ou "Consenso de Washington". A reforma do Estado, compreendendo a desregulação das atividades econômico-financeiras por agências estatias, a privatização das empresas produtivas governamentais, a abertura dos mercados, o favorecimento de fusões e aquisições de empresas nacionais por transnacionais, tudo isso destinado a promover e intensificar a "inserção" de cada uma e todas as "economias emergentes" na economia mundial no globalismo, resultaram no total desmonte de cada um e todos os projetos nacionais, capitalistas e socialistas; salvo o projeto socialista de Cuba, no continente latinoamericano. Em larga medida, cada um e todos os paises latinoamericanos e caribenhos são recolonizados pelas corporações transnacionais, sempre apoiadas sob várias formas pelas organizações multilaterais; compreendendo o Fundo Monetério Internacional (FMI), o Banco Mundial (Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, BIRD), a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), a Associação Latinoamericana de

Integração (ALADI), a Organização dos Estados Americanos (OEA) e o Tratado Interamericano de Assisténcia Recíproca (TIAR); sem esquecer a atividade intensa, principalmente de cunho neoliberal, das corporações da mídia, por seus meios de comunicação, desde a imprensa diária, semanal e mensal o rádio e à televisão[6].

Em poucos anos, também os objetivos e as diretrizes, bem como a teoria e a prática do neoliberalismo "latinoamericano" deixam da operar, afetando os interesses de elites governantes, classes dominantes, corporações e organizações. O que parecia consistente, pragmático, racional e convincente, logo vacila, deforma-se, funciona precariamente, entra em crise e declina; em lugar do progresso a decadência. Declinam a economia e a sociedade, a democracia e a cidadania. Instaura-se um estado de espirito de decpção e inquietação, fazendo crescer o ceticismo sobre as elites governantes e as classes dominantes, os partidos políticos e os meios de comunicação. Depois de décadas de ditaduras militares brutais, orquestradas pela diplomacia norteamericana da Guerra Fria, depois das ilusões da transição democrática" e dos de implementação da "agenda neoliberal", ou "Consenso de Washington", praticamente tudo se desmancha no ar, povoado inclusive por um clima de decadência e ruina. É óbvio que Êsse cenário concretiza-se em diferentes modalidades, em cada um e todos os paises latinoamericanos e caribenhos.

América Latina:

- "Quase US$100 bilhões evaporaram na América Latina nos últimos 226 dias. Essa é a perda de valor de um conjunto de 600 companhias espalhadas entre a sete principais economias da região. Em dezembro do ano passado, o valor de mercado destas empresas somava US$388 bilhões. No último dia 14 (de agosto de 2002) já estava reduzido a US$290 bilhões, uma perda de 25%... A perda patrimonial das empresas e uma das faces da recessão na região e ajuda a compor a crise mais aguda vivida pela América Latina desde a primeira metade da década de 80"[7].

- "Una de las características del proceso globalizados y la revolución tecnológica que vivimos se que ya no produce sólo explotación sino tambien exclusión. Los excluidos aumentan. Se trata de aquellos que no consiguen trabajo por mucho tiempo y que sólo pueden sobrevivir de la caridad... La ausencia de protección social esta afectando a gran parte de la población en América Latina

en um contexto de desregulación y de traspaso de la reeponsabilidad solidaria de la misma a la responsabilidad individual"[8].

- "O espectro da corrupção continua rondando os países de America Latina... As elites políticas, aceintando subornos em qualquer oportunidade, e empresários inescrupulosos estão prendendo nações inteiras na pobreza e impedindo o seu desenvolvimento.... Os políticos usam cada vez mais a retórica da luta contra a corrupção, mas não atuam para romper o circulo vicioso da pobreza e do suborno"[9].

Brasil:

- "Há no Brasil 53 milhões de pobres -cerca de 34% de população- que vivem com uma renda insuficiente para atender àe sues necessidades básicas de alimentação, vestuario, habitação e transporte. Nessa massa de pobres há um subconjunto de 22 milhões de indigentes - cerca de 14% da população - que não tem sequer como comprar os alimentos que lhes garantam o consumo mínimo calórico vital. A pobreza absoluta manteve-se em torno de 34% desde o lançamento do Plano Real em 1994"[10].

Argentina:

- "De ser o país com o melhor padrão de vida na America Latina, a Argentina agora é um território onde a fome se alastra entre pessoas com doutorado... O desemprego disparou de 18,4% em outubro do ano passado para 21,5% neste ano. A pobreza passou de 36% para 51% da população e, para o ano que vem, a projeção e aterradora... A pobreza pode chegar a 63% da população. Há três décadas, a proporção de pobres no país era de somente 7%... Dos 19 milhõee de pobres atualmente existentes no país, 8,6 milhões são crianças e adolescentes, menos de 18 anos. Em toda a Argentina 7 de cada10 crianças nascem em famílias pobres. Além disso, mais de 15% dos jovens entre 15 e 24 anos não trabalham"[11].

México:

- "Es importante. señalar que a las tradicionales causas de la pobreza en América Latina hoy se suman los efectos de las crisis finacieras internacionales. En todas... han producido situaciones regresivas en el crecimiento, en el empreo y en los salarios. Ello ha agravado la pobreza"[12].

A realidade social, em cada um e todos os outros paises

latinoamericanos e ceribenhos e semelhante a do México, Brasil e Argentina; um pouco melhor, um pouco pior, dependendo do setor, social: emprego e desemprego, alimentação e subnutrição, saude e doença, habitação e educação, violência e insegurança, pobreza e miséria ou pauperismo e lumpenização.

Além das "décadas perdidas", com as quais se encerra o século XX, a América Latina e o Caribe ingressam no século XXI em condições ainda mais difíceis, pela recessão econômica, a migração de capitais para outros continentes as fusões e aquisições comandadas por corporações transnacionais, o crescimento do desemprego estrutural, o empobrecimento acentuado de amplos setores da população, a migração de jovens para outros continentes, o descredito em que se encontram amplos setores dos elites governantes e classes dominantes, o evidente divórcio entre as políticas governamentais e as necessidades de amplos setores sociais.

Êsse é o contexto em que declina e extingue-se a capacidade de soberania, no sentido de definição nacional de projetos nacionais; ao mesmo tempo que aumenta continuamente a presença e a monitorização das diretrizes econômico-financeiras por parte do Fundo Monetario Internacional (FMI), bancos transnacionais e agências de classificação dos paises, segundo a confiabilidade conveniente aos investidores e especuladores transnacionais. Êsse o cenário em que crescem e difundem-se as operações do governo norteamericano em associação com corporações transnacionais e setores governamentais e empresariais latinoamericanos e caribenhos, no sentido de implementar a Associação de Livre Comércio das Américas (ALCA); operações essas que se conjugam com as diretrizes e atividades do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e outras agências multilaterais alinhadas segundo a "agenda neoliberal", o "Consenso de Washington", ou seja, e teoria, prática e ideologias do neoliberalismo.

"No território abrangido pela proposta da ALCA, o Estados Unidos correspondem a 80% do PIB. Os Estados Unidos, o Canadá e o México, juntos, respondem por 89%. Depois se encontram paises de maior fragilidade econômica, localizados na América Central e no Caribe, que somadòs à Guiana e as Suriname respondem por 1% do PBI do Continente. Sobram os dez paises de América do Sul... É óbvio por absorver as menores"[13].

"A agenda formulada pelos EUA é ampla e inclui não só a

remoção de barreiras as comércio de bene, mas temas como serviços, investimentos, compras governamentais, propriedade intelectual, entre outros... O governo dos EUA pretende que, para uma ampla gama de contratos de compras.governamentais, qualquer fornecedor de bens e serviços de outro país da ALCA receba o mesmo tratamento que os fornecedores do país... Os EUA querem que a ALCA garanta a liberdade para os inventimentos e para o comércio de bens e serviços... mas não aceitam nem discutir a livre circulação de trabalhadores"[14].

Está em curso a re colonização de cada um e todos os paises latinoamericanos e caribenhos, por parte dos corporações transnacionais, com a colaboração ostensiva e agressiva do governo norteamericano e organizações multilaterais. Abalam-se não só as estruturas econômicas nacionais que se vinham establecendo como as instituições jurídico-políticas indispensaveis à , soberania. Abre-se uma época de crescente dissociação entre o Estado, cada vez mais monitorizado externamente, e a sociedade civil, cujas reivindicações não econtram ressonância em agéncias governamentais. Em pouco tempó, cada uma e todas as nações latinoamericanas e caribenhae (salvo Cuba socialista) transformam-se em provincias do capitalismo mundial.

Em diferentes gradações, é o que ocorre na América Latina e Caribe, assim como na África, no mundo árabe, no Oriente médio, Ásia e Oceania; também evidente em paises das Europas Ocidental, Central e Oriental; sem esquecer que diferentes manifestações da "destruição criativa" manifestam-se em setores sociais dos Estados Unidos.

"Um em cada 32 (cerca de 3%) nos Estados Unidos estava atrás das grades ou em liberdade condicional no final do ano passado (2001), de acordo com um relatório do governo divulgado ontem (26 de agosto de 2002). A proporção equivalia a 6,6 milhões de pessoas no sistema correcional, um numero recorde"[15].

"O numero de homens negros presos nos EUA quintuplicou nos últimos 20 anos, chegando as ponto em que mais negros estão atrás das grades do que matriculados em universidades... Segundo o estudo, havia 791.600 homens negros presos em 2000 e 603.032 matriculados em universidades. Em comparação, afirma o estudo, em 1980 havia 143.000 homens negros presos, mas 463.700 matriculados em universidades"[16].Em praticamente todos os paises

do "primeiro", "segundo", "terceiro" e "quarto" mundos a teoria, e prática e a ideologia do neoliberalismo revela-se desastrosa, destrutiva; afetando coisas, gentes e idéias, instituições e valores, modos de ser e perspectivas de vida. Estão em curso a "mão invisivel" e a "destruição criativa", isto e, a reprodução ampliada do capital, em âmbito global[17].

No ámibto da sociedade mundial, o que sobressai e a corporação transnacional, em geral impondo-se aos Estados nacionais, compreendendo individuos e coletividades. Sao elas que movem e removem, manipulam e reorientam, recriam e destroem as fôrças produtivas: capital, tecnologia, fôrça de trabalho, divisão do trabalho social, mercado, planejamento e violência. Secundadas por Estados nacionais e organizações multilaterais, as corporações estabelecem os principais lineamentos da economia mundial, influenciando realidades sociais regionais, nacionais e locais. Sim, elas são as principais agentes e beneficiárias do que Schumpeter denominou "destruição criativa"; destruição criativa essa que a "nova economia" do capitalismó eletrônico tem glorificado[18].

Sob o globalismo, tanto a América Latina como a Ásia, África, Europas e Estados Unidos são atingidos pela lógca "destruição criativa", um processo inerente à dinâmica dos mercados, da competição, e da contradição trabalho e capital. As tecnologias eletrônica, grandamente responsaveis pelos êxitos e fracassos da "nova economia", estão na base de um novo surto de, potenciação da fôrça produtiva do trabalho. As novas formas de organização social e técnica do trabalho e produção, operando em escala nacional e mundial, dinamizam a capacidade produtiva da fôrça de trabalhó; envolvendo a flexibilização e terceirização de processos de trabalho e produção; possilitando a oriação de fábricas globais e agilizando a produção de mercadorias globais. Desenvolvem-se, relações, processos e estruturas de dominação política e apropriação econômica em âmbito mundial, subsumindo amplamente praticamente muito do que são as relações, os processos e as estruturas nacionais. A dinâmica dos mercados mundiais, isto é, do capital em geral e em suas formas particulares e singulares, conduzida e planificada pelas corporações transnacionais, transforma nações em províncias do globalismo.

Nesse sentido é que o globalismo, a nova economia e o neoliberalismo compõem o cenário no qual entra em novo curso

a lógica da destruição criativa. Ao criarem-se novas técnicas de trabalho e produção, bem como novas mercadorias, são muitas as técnicas e as mercadorias que se tornam supérfluas, descartáveis, obsoletas ou sucata; cem esquecer que as novas tecnologias são criadas tanto no contrapondo da competição entre corporações como no jogo das contradições trabalho e capital. O mesmo segredo da dinâmica do capitalismo leva sempre consigo a obsolescencia programada, a destruição criativa, isto é, a produção de sucata.

Esta pode ser a lógica da destruição criativa: criam-se novas técnicas de trabalho e produção, bem como mercadorias, alem de novas ocupações e profissões, as mesmo tempo que se obsoletizam técnicas de trabalho e produção, mercadorias, ocupações e profissões. Portanto, está em curso a obsolescencia programada de técnicas e mercadorias, ocupações e profissões. Êsse, muito provavelmente, o contexto no qual se cria e desenvolve o desemprego estrutural. Muitos trabalhadores, desde a indústria à agricultura, dos serviços às atividades intelectuais, das braçais às artísticas, são muitas as atividades que se tornam dispensáveis, supérfluas, obsoletas. São muitos, multidões, os trabalhadores que são dispensados ou desempregados, em carater mais ou menos permanente. São muitos, multidões, milhões, os trabalhadores jovens que não encontram ocupação, a despeito da profissão. São muitos, milhões, principalmente mulheres, negros, arabes, asiáticos, latinos e outros os que migram de país a pais, continente a continente, atravessando ilhas e arquipelagos, em busca de trabalho, tangidos pelas fôrças que movem o mercado mundial de fôrça de trabalho. Todos são "trabalhadores livres", no sentido de que podem oferecer-se em qualquer lugar dos mercados nacionais, regionais e mundial; e no sentido de que não dispõem de meios de produção para produzirem por conta própria, para sobreviverem; estão condenados a vender a sus fôrça de trabalho para viver; estão condenados a não encontrar compradores de fôrça de trabalho, já que os proprietários dos meios de produção podem dispensar boa parte dos trabalhadores, as potenciar a força produtiva dos trabalhadores remanescentes por meio das tecnologias eletrônicas; muitos, em todo o mundo, estão sendo dispensados, desempregados, tornados obsoletos ou sucateados.

Nesse sentido é que se torna possivel parafrasear o pensamento de Thomas More, quando em **Utopia** observa que as terras

comunais estão sendo privatizadas e transformadas em pastagens para carneiros destinados a produzir lã para a indústria textil; o que provoca a expulsão de trabalhadores que viviam nas terras comunais; e diz que "os carneiros estão devorando os homens". Na época do globalismo, quando floresce a "nova economia", pela adoção intensiva e extensiva das tecnologias eletrônicas, torna-se possivel observar que "os computadores estão devorando os homens". Graças à lógica da destruição criativa, o que estava no início do mercantilismo, ou da acumulação originaria, também esta no início do globalismo; tudo de conformidade com a dinâmica do capitalismo, inicialmente sob o "liberalismo", em seguida sob o "neoliberalismo".

3. A Dissociação Estado e Sociedade

Na época da globalização, praticamente tudo o que diz respeito à economia e à sociedade nacionais e posto em questão. Abalamse não só as idéias e convicções, mas também as formas de organização do trabalho e se instituições. O território e as fronteiras adquirem outros signïficados, tanto porque perdem ou antigos como porque se busca resgata-los; mas principalmente porque de fato transformam-se. Modificam-se as condições de existência e as possibilidades de atuação dos partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais e correntes de opinião pública. Os grupos sociais e as classes sociais parecem mudar de significados, as mesmo tempo que se estruturam e passam a atuar ainda mais determinados por relações, processos e estruturas de alcance mundial. O individuo pode ser a célula do consumismo, sendo levado a confundir cidadania com mercadoria. A mídia se apresenta como o grande e ubíquo partido político, uma espécie de "principe eletrônico" influenciando decisivamente corações e mentes. E o Estado revela-se principalmente um vasto aparelho administrativo, de tal forma. que os governantes se mostram como funcionários recitando principalmente diretrizes de cunho econômico-financeiras, em geral de acordo com as orientações ou injunções de corporações transnacionais e organizações multilaterais[19].

Sim, esta em curso uma drástica transformação das relações entre o Estado e a Sociedade. O metabolismo Estado-Sociedade que se havia estabelecido e desenvolvido em épocas anteriores, em termos de projetos nacionais, capitalistas e socialistas, é por todos os lados, em pouco tempo, em todo o mundo.

A "Reforma do Estado", delineada, induzida ou simplesmente imposta pelas corporações transnacionais e organizações multilaterais, destacando-se entre estas o Fundo Monetario Internacional (FMI) e o Banco Mundial (BIRD) é o processo pelo qual se define põe em prática a traneformação das relações do Estado com a economia e finanças, a mudança dos sistemas de saude, educação e previdência e a reforma das relações de trabalho. Trata-se de reduzir a presença do Estado, em termos de planejamento governamental e empresas produtivas estatais, mas garantindo se regras do jogo, de tal modo que as forças econômico-financeiras privadas possam desenvolver-se. Privatizara-se empresas e setores de atividades, tais como educação, saude e prvidência, nos quais passam a desenvolver-se empresas privadas nacionais e transnacionais.

Ar diretrizes inauguradas pelo neoliberalismo, que informa a teoria, a pratica .e a ideologia do FMI e BIRD, bem como dos que adotam a orientação dessas organizações, traduzem-se em decisões práticas destinadas a favorecer a formação de "mercados emergentes". Não se trata mais de paises em "desenvolvimento", em "industrialização", empenhados na "substituição de importações" ou organizados em termos de "planejamento governamental", em busca de soberania econômica, além da politica. Trata-se de "mercados emergentes", que se constituem e desenvolvem na medida em que adotam as diretrizes delineadas, induzidas ou simplesmente impostas pelas organizações multilaterais, secundadas pelas corporações transnacionais; em geral em favor destas.

É óbvio que as diretrizes das organizações multilaterais e corporações transnacionais encontram receptividade mais ou menos ampla nas "elites nacionais" dos mais, diversos "mercados emergentes", nos quais as haviam ensaiado projetos nacionais, capitalistas ou socialistas. São tais e tão fortres as injunções das organizações e corporações, que as "elites nacionais" logo as conformam, assumindo as suas diretrizes, os seus incentivos e os seus discursos. Em nome da "modernização", "produtividade", "competitividade", "qualidade total", "lucratividade", "entrada no primeiro mundo", são muitas as "elites" empenhadas em satanizar e mutilar as conquistas político-economicas e sócio-culturais que as haviam realizado cam base em projetos nacionais.

É importante relembrar e reconhecer que as organizações e as corporações detêm uma grande capacidade de pressão, indução

ou imposição. São poderosas e ubíquae tecnoestruturas mundiais, apoiadas em recursos científicose e tecnológicos de todos os tipos, compreendendo **lobbings** e **think tanks**; inclusive capazes de influenciar decisivamente a mídia mundial, os meios de comunicação de massa, isto é, a indústria cultural. Há algo de uma espécie de orquestração mundial, de tal maneira que "globalização", "modernização", "racionalização", "mercado emergente", "produtividade", "competitividade", "lucratividade" e "qualidade total" parecem conjugar-se fluentemente, desenhando um mundo integrado, harmônico e ideal, como as realizasse gloriosamente "o fim da geografia" e "o fim da história".

Mas êsse processo não as desenvolve sem antes e simultaneamente desenvolver-se um vasto e sofieticado processo de satanização do planejamento econômico governamental, capitalista e socialista; de toda e qualquer forma de nacionalismo econômico e finaceiro. O maniqueísmo é explícito e elementar: mercado ou planejamento, progresso ou retrocesso, modernidade ou atraso, primeiro mundo ou terceiro mundo, norte ou sul.

Mais uma vez, cabe reconhecer que tanto as corporações transnacionais como as organizações multilaterais são poderosas tecnoestruturas mundiais, em geral atuando na mesma direção. Detêm recursos materiais e organizatorios, jurídico-políticos e institucionais, científicos e técnicos, eletrônicos e informáticos, maiores do que a maioria dos Estados nacionais. Além disso, localizam-se em cidades globais, a partir das quais operam à revelia de governos nacionais, tanto quanto de individuos e coletividades, classes e grupos sociais.

O que está em curso, quando se adotam as medidas destinadas á reforma do Estado ou as desenvolvimento do mercado emergente, e a pura e simples substituição do **projeto nacional** pelo **projeto transnacional. Em pouco tempo a economia nacional transforma-se em uma província do capitalismo global.** Algo que tem ocorrido no longo da história, em moldes de colonialismo e imperialismo, adquire outro ímpeto com globalismo[20].

O Estado, enquanto instituição jurídico-política, compreendendo o legislativo, o executivo e o judiciário, é levado a acentuar o seu carater de aparelho administrativo. Um aparelho administrativo articulado, muitas vezes decisivamente, com as organizações multilaterais e as corporações transnacionais. São artioulações

que favorecem a associação de empresas, a privatização e a trsnsnacionalização de empresas produtivas estatais, bem como dos sistemas de educação, saude e providência. Articulações que envolvem a manipulação do **ecodumping** e do **social-dumping**, de modo a favorecer a fome das corporações transnacionais por fôrça de trabalho barata, em sociedades nas quais corre livre a privatização dos espaços ecológicos ou recursos ambientais. Sob vários aspectos, o Estado revela-se, predominantemente, um aparelho administrativo acoplado com as estruturas mundiais de poder, ou os blocos mundiais de poder; uma espécie de tecnoestrutura auxiliar, um elo de transmissão das decisões o práticas adotadas pelas tecnoestruturas mundiais.

Sob vários aspectos, a economia política da reforma do Estado revela-se uma matriz importante de problemas sociais. Ocorre que a economia política da reforma atinge todo o arcabouço da sooiedade nacional, compreendendo o Estado e a Sociedade Civil. Esas reforma modifica mais ou menos drasticamente todo o conjunto das instituições e políticas, objetivos e meios, que se haviam criado em função do projeto nacional que se havia adotado em muitos paises, seja em moldes capitalistas seja em moldes socialistas. Trata-se de uma reforma que implica em romper radicalmente o metabolismo Sociedade Civil e Estado que as havia desenvolvido com o projeto nacional.

Esta é a realidade: quando se trata de avaliar qual o lugar do Estado-Nação no novo mapa do mundo, logo se verifica que estão em curso vários processos de profundas implicações.

Primeiro, abandonam-se os projetos de **capitalismo nacional** e **socialismo nacional**, adotando-se em todos os casos o projeto de **capitalismo transnacional**; de tal modo que a economia nacional deixa literalmente de existir, transformando-se emmera **província do capitalismo global**. Em lugar da progressiva interiorização dos centros decisórios, de par-em-par com a "industrialização substitutiva de importações", ocorre a exteriorizaçáo dos centros decisórios, de par-em-par com a "industrialização voltada para a exportação", ou a dinamização do "mercado emergente", isto é, da economia nacional como elo, segmento ou provincia do capitalismo global.

Segundo, **desenvolve-se um intenso e generalizado processo de dissociação entre o Estado e a Sociedade Civil**. As influencias

predominantes no âmbito do aparelho estatal são ditadas pelos interesses dos corporações transnacionais, enquanto que os interesses predominantes na sociedade estão enraizados nas condições de vida e ideais de classes e grupos sociais que compõem a grande maioria dos assalariados, trabalhadores dos diversos setores produtivos, compondo a vasta maioria do povo; sofrendo as desigualdades de todos os tipos. Sem esquecer que uma parte importante desea população está sendo obrigada a flutuar entre emprego e desemprego, estabilidade e terceirização, contrato de trabalho "permanente" e "sazonal", desemprego conjuntural e desemprego estrutural, migrações transnacionais e transcontinentais, pobreza e miséria, pauperizeção e lumpenização.

Terceiro, está em curso a crescente transformação do Estado em aparelho administrativo das classes dominantes ou blocos de poder dominantes em escala mundial. São muitas, crescentes e decisivas as determinações que a dinámica do mercado mundial, o predomínio das corporações transnacionais e a intensa globalização dos forças produtivas (compreendendo o capital, a tecnologia, a força de trabalho, a divisão do trabalho, o mercado, o planejamento e a violência) incutem em tudo o que é nacional; sempre tranasordando para tudo o que e transnacional.

Sob vários aspectos, pode-se afirmar que terminou um ciclo da história da sociedade civil e Estado nacionais, ou do Estado-Nação. Toda uma larga e complicada história de individuos e coletividades, classes sociais e grupos sociais, nações e nacionalidades, envolvendo formas de sociabilidade, organizaçóes, instituições e jogos de forças sociais, sempre em âmbito nacional, toda essa larga e complicada história está em declinio. Mais uma vez, revela-se que a nação e um processo históríco-social, algo sempre em transformação, atravessada por movimentos de integração e desagregação, progresso e decadênsia, reforma e revolução; o produto de uma jogo complexo de interminaveis tensões e acomodações, envolvendo classes e grupos sociais, em geral polarizados pelas possibilidades e ilusões de soberania, hegemonia, democracia e cidadania; e sempre atravessadas também por tiranias, violências, satanizaçóes.

No âmbito da globalização do capitalismo, visto como modo de produção e processo civilizatório, alteram-se e inovam-se as formas de sociabilidade e os jogos de forças sociais, em escala diversa e mais abrangente do que as verificava em âmbito nacional, mesmo

tendo-se em conta as implicações dos colonialismos e imperialismos. No âmbito da globalização, compreendendo a formação de uma sociedade civil mundial, as relações, os processos e as estruturas de dominação política e apropriação econômica envolvem outros, novos e poderosos jogos de forças sociais, polarizados em torno de soberania e hegemonia, democracia e tirania, guerra e revolução, alienação e emancipação.

4. A Formação da Sociedade Civil Mundial

A medida que se desenvolve a nova divisão transnacional do trabalho e da produção, acompanhada da formação de cidades globais e da. organização de novas estruturas mundiais de poder, tudo isso dinamizado pela "revolução informática", desenvolvem-se também e necessariamente as bases da sociedade civil transnacional. Todos Êsses são elementos que as criam, dinamizam e transformam conjugadamente, sempre também atrevessados por tensões e contradições. E todos, em conjunto, formam e conformam os lineamentos de uma **Sociedade Civil Mundial**. Uma sociedade civil em que estão presentes e ativas as sociedades nacionais, influenciando-se reciprocamente, bem como compondo e desafiando a sociedade mundial. Aos poucos, ou de-repente, conforme a sociedade desta ou aquela nação ou região, forma-se a consciência de que as coisas, as gentes e as idéias desterritorializam-se. Tanto as impõem dilemas como se abrem horizontes. No mesmo curso da globalização, orquestrada pelo neoliberalismo, em termos práticos, teóricos e ideológicos, individuos e coletividades, nações e nacionalidades, línguas e religiões são colocados em confronto, tencionados, mesclados, atritados, recriados ou transfigurados.

Outra vez, na historia do mundo moderno, reabre-se a controversia sobre o internacionalismo e o cosmopolitismo, ao lado do nacionalismo, regionalismo e localismo. Outra vez, está em causa a idéia de liberdade e igualdade, direitos e obrigações, equidade e justiça, tirania e democracia, guerra e paz, soberania e hegemonia, capitalismo e socialismo. O que foi suscitado pelas revoluções inglesa e francesa, assim como o que foi pensado por Adam Smith, Ricardo, Rousseau, Kant, Hegel e Marx, entre outros, em termos de internacionalismo e cosmopolitismo, torna a ser suscitado pela globalização; e pensado por unas e outros, em várias partes do mundo. Mais uma vez na história do mundo, recriam-

se os ideais e as práticas voltadas para as possibilidades de uma sociedade civil mundial, um conjunto de contratos sociais de alcance transnacional e alguns horizontes de realização do cosmopolitismo dos coisas, gentes e idéias. O que estava na utopia dos iluministes e seus continuadores, torna a colocar-se em uma época em que as pode falar efetivamente em sociedade civil mundial, cidadão do mundo e história universal. Esta pode ser a época em que a idéia de história universal adquire maior concretividade, depois dos vários ensáios esboçados em outros tempos.

Neste ponto, e fundamental observar que as organizações não governamentais (ONGs), em separado, em conjunto e também em colaboração com a Organização das Nações Unidas (ONU), estão desenvolvendo um tecido muito importante da sociedade civil mundial. Além das atividades e conferências, dos debates e diretrizes, já são notaveis as realizações dessas entidades no que se refere a: meio ambiente, energia atômica, armas químicas, proteção de populações nativas, direitos da mulher, da oriança e de etnias, violência urbana, terrorismo de Estado e outros problemas que se reiteram, agravam ou criam no ambito da sociedade mundial; sem esquecer que as suas manifestações ocorrem tanto em escala nacional como local e regional; muitas vezes determinados pelos jogoe, das forças sociais em ambito mundial[21].

Quando se fala de globalização, reconhecendo-se que se trata da globalização do capitalismo , como modo de produção e processo civilizatório, estão em causa a **ocidentalização do mundo** e, simultaneamente, a **modernidade-mundo**. Enquanto prooesso civilizatório modo de produção, a globalização desenvolve e generaliza forme de sociabilidade e jogos de forças sociais. De par-em-par com o mercado, a empresa, a corporação, o conglomerado, o monopólio e a cartelização, desenvolvem-se a divisão transnacional do trabalho da produção, compreendendo e reprodução ampliada do capital e o desenvolvimento desigual, contraditório e combinado das forças produtivas e dos relações de produção. Portanto, germinam-se processos de integração e fragmentação, simultaneamente as diversidades e desigualdades.

A ocidentalização e a modernidade não operam de modo homogêneo, unívoco, harmônico e contínuo. Esbarram em várias, diferentes e poderosas formações sociais nacionais e regionais, compreendendo formas de sociabilidade e jogos de forças sociais,

além de tradições mais ou menos densas e distintas das que predominam no ocidente. Simultaneamente, desenvolvem-se outros processos civilizatórios.

A rigor, a ocidentalização não impede que ocorra, as mesmo tempo, a orientalização. São muitos os indicios de que está em curso um vigoroso processo de **orientalizacão do mundo**, tanto no que se refere a técnicas e práticas economicas como no relativoa elementos culturais, compreendendo o taoismo, a ioga, a acumputura, a meditação e outros. Desde os primórdios dos tempos modernos, e em diferentes, surtos maio ou menos intensos desde então, difundem-se e assimilam-se signos, símbolos e emblemas originários da China, Índia, Japão e outras sociedades orientais; muitas vence com elementos maio ou menos notaveis de islamismo.

Também difundem-se e assimilam-se elementos sócio-culturais das civilizações da Africa e do que foi o Novo Mundo. Há algo de **africanismo** e **indigenismo**, além do **orientalismo** e do **ocidentalimo** nas configurações e movimentos que constituem o caleidosoópio cultural da sociedade mundial. Há toda uma vasta movimentação de signos, símbolos e emblemas sócio-culturais de todas as partes, ainda que pareçam predominar os de origem ocidental. Estos, com frequência são reafirmados, desafiados, mesclados ou mesmo recriados no contraponto com os outros. São processos civilizatórios diversos, com os quais as desenham os arco-iris recobrindo e impregnando a sociedade civil mundial. Está em curso algo que se pode denominar de **transculturação**, mesclando elementos sócio-culturais e outros, em escala mundial, constituindo uma dimensão fundamental de humanidade.

Nesse sentido é que a sociedade civil mundial forma-se e desenvolve-se compreendendo signos, símbolos e emblemas sócio-culturais que podem ser tomados como indícios de uma cultura mundial. Uma cultura que parece um caleidoscópio surpreendente, simultaneamente labiríntico e articulado, vivo e em movimento, atravessado por processos civilizatorios antigos e recentes. Aí tornam a colocar-se como necessários e ideais, reais e imaginários, valores tais como: liberdade e igualdade, equidade e justiça, democracia e cidadania, emancipação e desalienaçao.

Êstes são princípios básicos de modernidade, ensaiados larga e dificilmente no âmbito do Estado-Nação. Liberdade, igualdade, equidade, justiça, democracia, cidadania, emancipação e

desalienação são emblemas exemplares de toda a história política do mundo moderno; tornam-se mais ou menos Êssenciais, tanto no âmbito da teoria como da prática, norteando organizações políticas, regimes políticos, lutas sociais, soluções e impasses, formas de consciência, utopias. No entanto, realizaram-es e continuam a realizar-se precariamente no âmbito da sociedade nacional, do Estodo-Nação ou do processo que as convencionou denominar de Revolução Burguesa. A história do mundo moderno demonstra que o Estado-Nação, enraizado na sociedade de classes, com as suas articulações e contradições étnicas, de gênero, religiosas e linguísticas, simultaneamente contradições sociais e político-economicas, não dissolveu nem reduziu as desigualdades; em geral apenas modificou as suas articulações, hierarquias, distancias, barreiras.

Sim, este é o dilema: a formação e o desenvolvimento da sociedade civil mundial depara-se com o desafio de recolocar-se as condições e as possibilidades de realização de **democracia política e social**. O que tem sido realizado precariamente no âmbito de sociedade nacional, recoloca-se como objetivo e ideal, ou possibilidade e quimera, no âmbito da sociedade mundial.

O mesmo vasto e complexo processo de formação da sociedade civil mundial é o processo com o qual se forma as condições e as possibilidades do socialismo mundial. Quando as transnacionalizam as forças produtivas, transnacionalizam-se as classes e os grupos sociais; simultaneamente às desigualdades e contradições que movem indivíduos e coletividades, povos e nações. Forma-se um novo palco da história, no qual se afirma e reafirma o neoliberalismo, ao mesmo tempo que se criam as condições e as possibilidades de forrmação do neo-socialismo. A mesma globalização "desde cima", articulada pelo neoliberalismo, germina as condições e as possibilidades da globalização "desde baixo", com a qual as forma o neo-socialismo. "Nao-socialismo" lançado desde logo em âmbito mundial, no jogo das forças sociais que se desenvolvem em escala mundial; aproveitando criticamente as experiências socialistas já realizada e em curso; contemplando novas contribuições de diferentes correntes de pensamento; reelaborando as contribuições clássicas de Hegel, Marx e seus seguidores mais criativos, em diferentes nações e continentes, compreendendo inclusive Antonio Gramsci, José Carlos Mariátegui e Franz Fanon[22].

5. A Recriação de Sociedade Civil Nacional

Na época da globalização, a sociedade civil nacional parece enfraquecer-se, desorganizar-se, perder-se, tornar-se amorfa, gelatinosa. Tanto e assim que os partidos políticos, os sindicatos, os movimentos sociais e as correntes de opinião pública confundem-se, perdem a capacidade de expressar a dinâmica das forças sociais, entram em crise. Um fenômeno que as agrava com a transformação da mídia, cartelizada pelas forças que predominam no âmbito de globalização, em uma espécie de "príncipe eletrônico". Grande parte do que é a vida política de indivíduos e coletividades, classes e grupos sociais, governos e regimes, parece localizar-se na mídia. Aí parecem localizar-se a notícia e o noticiado, o dado e o significado, o relevante e o secundário, o acontecido e o esquecido. Além disso, cabe reconhecer que as fissuras e rupturas que abalam, modificam, desafiam ou debilitam a sociedade civil, na maioria dos países, têm sido fortemente determinadas pelo predomínio do componente econômico e quantitativo na vida das pessoas, indivíduos e coletividades. As dimensões sociais psico-sociais e sócio-culturais da vida de una e outros parecem empobrecer-se, diante do amplo predomínio da produção, distribuição, troca e consumo. O próprio debate político, assim como o discurso dos governantes, contemplam principalmente questões de economia e finanças, trabalho e produção, sempre em termos de quantificação. Daí a impressão de que a sociedade civil se torna amorfa, desnorteada, gelatinosa.

Este o complicado cenário em que se coloca a sociedade civil: o desafio de rearticular-se e mover-se, em busca de novos fins e meios, outras técnicas de organização, conscientização, atuação e luta, de forma a realizar ideais de transformação e emancipação. Dada a crise do Estado-Nação, dadas as inovações, as reorientações e as distorções que a transnacionalização do capitalismo incutem na organização política, jurídica, economica e financeira, sem esquecer a socio-cultural, do Estado-Nação, grande parte de sociedade civil nacional é desafiada a mover-se, recriar-se e fortalecer-se. Trata-se de recriar e dinamizar instituições e organizações, atividades e ideais, de modo a realizar as possibilidades de desenvolvimento sócio-cultural e político-econômico que germinam continuamente na vida de indivíduos e coletividades, classes sociais e grupos sociais.

Para que a sociedade civil possa recriar-se e dinamizar-se Nesse novo patamar da história, tendo-se em conta os impasses e os horizontes que se abrem, pode ser fundamental que os indivíduos e as coletividades, os grupos e as classes que formam a maioria do povo tomem consciência das rupturas que se acham em curso; tomem consciência da nova configuração histórico-social, ou geohistórica, em que se encontram, do terremoto que abala os quadros sociais e mentais de referência que se haviam estabelecido, que pareciam consolidados. O desafio é recriar a sociedade civil nacional no âmbito das relações, processos e estruturas que se desenvolvem com a globalização, no âmbito da sociedade civil mundial em formação. São configurações histórico-sociais reciprocamente referidas, imbricadas, contraditórias e constituídas.

Este o desafio: recriar a sociedade civil e o Estado, ou o Estado-Nação, no âmbito da globalização, da sociedade civil mundial em formação. Trata-se, pois, de repensar e recriar partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais e correntes de opinião sensíveis tanto às forças e tendências que operam em escala nacional como as que operam em escala mundial. Podem ser forças e tendências que se associam, convergem e fortalecem; assim como há as que divergem ou degladiam. Esse o contexto em que se desenvolvem as condições de vida e trabalho, atividades e ideais, de uns e outros, em todo o mundo.

Já são numerosos os movimentos sociais, organizações e instituições criados por indivíduos e coletividades de diferentes países, em todo o mundo, empenhados em mobilizar, conscientizar e reivindicar outras e novas condições de vida e trabalho. Desde a Organização das Nações Unidas (ONU) e as diversas instituições que a compõem, até as associações de bairro, aos grupos sociais organizados em torno de etnia, gênero, meio ambiente, proteção de populações nativas, além de outras propostas, já são numerosos os movimentos, organizações, instituições, programas e ideais expressando as inquietações da nova sociedade civil em formação, em âmbito nacional e mundial. Aos poucos, formam-se novas redes de movimentos, organizações e instituições, tecendo outras e novas formas de sociabilidade. Outra vez, torna-se possível falar em internacionalismo, cosmopolitismo ou cidadão do mundo; simultaneamente ao reconhecimento, de que a cidadania nacional está sendo necessariamente reformulada. Sob vários aspectos, cabe

reconhecer que está em curso outro ciclo da história nacional, no âmbito da história universal.

Primeiro, cabe repensar a teoria e a prática de **soberania** nacional, tanto em termos de regionalismo como de globalismo; não mais apenas em termos de nacionalismo.

Segundo, cabe repensar a teoria e a prática da **hegemonia**, se pensamos não só na hegemonia estabelecida "desde cima", com a "globalização pelo alto"; mas pensarmos também nas condições e possibilidades de construção de novas e alternativas hegemonias, "desde baixo", com base na organização, conscientização e luta das classes sociais e grupos sociais subalternos.

Terceiro, cabe **repensar as formas de organização, conecientização e luta** envolvidas nas atividades de partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais e correntes de opinião pública, compreendendo não só o local e o nacional, mas também e necessariamenteo regional e o mundial. Em alguma medida, todos precisam transbordar dos territórios e fronteiras nacionais, articulando transnacionalizações, de modo a realizar também conquistas nacionais.

Quarto, cabe **repensar as condições e as possibilidades da democracia e cidadania, em ambito nacional, regional e mundial**, tendo-se em conta que a soberania, a hegemonia e as organizações e instituições de conscientização e luta estão lançadas em escala não só nacional, mas também regional e mundial.

Quinto, por fim, cabe reconhecer que a sociedade global, na qual a sociedade nacional está presente como elo necessário, fragmento indispensavel ou provincia constituida, é o palco em que se desenvolvem continua e reiteradamente as tensões, imbricações, acomodações e contradições que movimentam toda essa história. Sim, a socidade global, em suas implicações político-econômicas e sócio-culturais é o novo palco da história.

Êsse pode ser o caminho para a realização da democracia política e social, para a criação das condições indispensaveis à realização do socialismo mundial, do neo-socialismo, visto como modo de produção e processo civilizatório

6. Federalismo

Globalização rima com integração e fragmentação. Esta tem sido a realidade observavel em todo o mundo: a integração

mundial, propiciada pelo surto de globalização, desenvolve-se de par-em-par com a desintegração nacional. São muitos os paises nos quais se ensaiavam projetos nacionais de tipo capitalista e de tipo socialista nos quais surgem ou ressurgem localismos, provincianismos, anacronismos, xenofobias, etnicismos, racismos, fundamentalismos e nacionalismos; ou fissuras e rupturas de todos os tipos, algumas vezes não só surpreendentes, mas arqueológicas, ainda que evidentes. Em todo o mundo, naturalmente em diferentes gradações, verifica-se que o processo de globalização tanto envolve a homogeneização como a diversificação, da mesma maneira que a integração e a fragmentação. Nesse sentido é que o mapa do mundo que se desenha com o globalismo, a globalidade ou a globalização, aparece como um vasto cenário geohistórico, político-econômico e sócio-cultural, no qual está em curso um terremoto de amplas e profundas implicações.

Êsse o mapa do mundo no qual ocorrem os **processos de desintegração**, tais como na Russia, Tchecoslovaquia e Iugoslavia; com manifestações evidentes na Italia, Espanha, China, Canadá e outras nações; sem esquecer que se reabre a controvérsia nação, reino, tribo, etnia, cultura, língua, religião em várias partes das Américas, Africa e Asia, compreendendo a Oceania e o Caribe. É como as o terremoto da globalização estivesse provocando tanto a emergencia de fissuras e rupturas como a ressurgência de diversidades, identidades, desigualdades e contradições, antigas, seculares, não resolvidas; e reavivadas pelas relações, processos e estruturas que movimentam a globalização.

Êsse o contexto mundial no qual estão atuando as organizações muitilaterais regionais e globais. São estruturas regionais e globais de poder que prenunciam intentos de resolução de impasses, tensões e antagonismos, em geral suscitados ou dinamizados pelo globalismo; mas também ressoando controvérsias anteriores, antigas ou recentes, herdadas de eolonialismos e imperialismos, de permeio a nacionalismos.

Êstes podem ser os termos da equação: a globalização cria tantos e tais desafios para o Estado-Nação que logo as exacerbao nacionalismo, dando origem tanto a políticas protecionistas como a propostas de integração regional. Sob certos aspectos, o regionalismo pode ser visto como um intento de agrupar, fortalecer e proteger economias nacionais, integrando-as em bloco político-econômico

regional. Simultaneamente, no entanto, as relações, os processos e as estruturas que formam e dinamizam a globalização invadem, influenciam ou mesmo predominam na região. Outra vez, estes são os termos da equação: globalismo rima tanto com nacionalismo como com regionalismo, sempre determinando-se e desafiando-se reciprocamente.

Esse é o cenário geohistórico, com suas implicações político-econômicas e sócio-culturais, em que uns e outros, em todo o mundo, começam a falar ea **federalismo**. Diante de integração e fragmentação, bem como das fissuras e rupturas em curso no mundo muitos começam a dedicar-se à teoria e prática do federalismo; ou de federalismos[23].

São principalmente tres as polarizações do federalismo de que se fala na época do globalismo. Não se excluem, podem conjugar-se, assim como podem tencionar-se. Expressam a dinâmica de tres configurações histórico-sociais específicas: nacional, regional e mundial. Sendo que estas configurações nem são plenamente estruturadas nem se acomodam tranquilamente, seja interna seja externamente. Há sempre algo de não-contemporaneidade no modo pelo qual se articulam, movem ou tencionam. As economias e sociedades nacionais, regionais e mundiais encontram-se em processo, desenvolvendo-se, conjugando-se, tencionando-se ou mesmo dispersando-se. São como que nebulosas em formação, movimento e transformação.

Já está em marcha uma espécie de **federalismo mundial**. Na prática, está operando instituições, entidades, práticas, idéias e interpretações por meio das quais as exectua uma espécie de federalismo transnacional, mundial ou global. Em suas linhas principais, êsse é um federalismo formulado e praticado "desde cima", a partir dos interesses que prevalecem na globalização do capitalismo, traduzindo-se em estruturas mundiais de poder, evidentemente com implicações regionais e nacionais.

Já se fala em "governo mundial", por meio do qual se busca articular diversidades e desigualdades, de modo a conjugar o que for possivel na direção do mercado, da dinamização das forças produtivas ou da produção e reprodução em escala ampliada. Com base na idéia e prática da interdependência das nações, da redução ou mesmo anulação das fronteiras geográficas, econômicas, políticas, culturais e sociais, são muitos os que preconizam e buscam

por em prática organizações multilaterais, ou estruturas mundiais de poder, destinadas a acomodar e dinamizar as idéias e praticas de uns e outros, em todo o mundo, na direção do neoliberalismo, como teoria, prática e ideologia. Nessa direção situam-se o FMI, o BIRD e a OMC, bem como bancos transnacionais e outras organizações multilaterais, mundiais e regionais. Em outros termos, é aí que se inserem as instituições que compõem a família da ONU. Em outros termos, ainda, é aí que se localizam as corporações transnacionais, articulando empresas e conglomerados, alianças e fusões, oligopólios e monopólios, ou cartelizações, em âmbito nacional, regional e mundial.

Há organizações multilaterais que, a despeito de serem regionais ou setoriais, muitas vezes exercem influencias mundiais. Podam ser vistas como outras entidades compondo na prática o federalismo simultaneamente regional e mundial. Êsse pode ser o caso de entidades tais como as seguintes: Organização para a Cooperação o Desenvolvimento Economico (OCDE), o Grupo dos Sete (G7) e a Organização dos Paises Exportadores de Petróleo (OPEP), entre outras. Sim, essa é a realidade: organizações multilaterais, governamentais e privadas, podem operar, simultaneamente, como práticas de federalismo e práticas de cartelização. Em dadas conjunturas, podem revelar-se federativas, ao paseo que em outras, revelam-se artifícios de cartelização. Mais uma vez, como sempre, a economia e a política mesclam-se e determinam-se, como na fomulação primordial "economia política".

Simultaneamente as federalismo mundial, está em marcha o que se pode definir como **federalismo regional**. São várias as organizações multilaterais regionais, por meio das quais se desenvolve a formação e o desenvolvimento de fins e meios formulados de maneira a atender à dinâmica econômica de paises associados. É o que se pretende com entidades tais como as seguintes: União Européia (UE), Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), Mercado Comum da América do Sul (MERCSUL), Associação das Nações do Sudoeste Asiatico (ASEAN), Cooperação Economica Asia-Pacifico (APEC), Comunidade Economica da Africa do Oeste (CEAO), Mercado Comum Centro-Americano (MCCA) e outras. Algumas dessas entidades não se firmaram ainda, ou talvez nem se firmem. Outras parecem mais ativas, estruturadas. Formam redes incipientes ainda, ou mais articuladas, assinalando a emergência de federalismos regionais.

Cabe reconhecer, no entato, que as entidades, instituições e organizações regionais estão influenciadas, ou predominantemente determinadas pelas corporações transnacionais interessadas em operar mais livremente nas regiões, incentivando a abertura de mercados, que passam a ser chamados de "mercados emergentes". Em muitos casos, é evidente a conjugação dos intresses, pressões e atividades das corporações na maneira pela qual se cria e dinamiza o federalismo regional. Sim, os Estados nacionais são desafiados a iniciar, organizar e desenvolver políticas de abertura de mercados, de associação de empreendimentos governamentais e privados, de favorecimento de fluxos de fatores da produção, de criação e deslocamento de estabelecimentos industriais, comerciais e financeiros, segundo os interesses e as decisões de corporações empenhadas em iniciar, dinamizar ou diversificar atividades na região.

Cabe registrar aqui a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), sem esquecer a Organização do Tratado da Asia Oriental do Sul (SEATO), o Pacto do Pacífico (ANZUS) e a Organização dos Estados Americanos (OEA). Enquanto uma poderosa estrutura militar, também política e economica, centrada nos Estados Unidos da América do Norte e Europa Ocidental, a OTAN funciona como o principal braço armado do Ocidente na manutenção da hegemonia mundial dos Estados Unidos, associados às nações que compõem a Europa Ocidental, empenhados na administração do mundo, por dentro e por fora da ONU. Trata-se de uma organização básica da geopolítica norte-americana e européia, com possibilidades de irradiação por outras partes do mundo; podendo eventualm ente associa-se às outras organizaçôes militares criadas a partir da geopolítica da Guerra Fria, e preservadas após o término desta. Do ponto de vista formal, isto é, jurídico-político, a OTAN é uma organização multilateral federativa, cujos membros participam das decisões e operações. De fato, no entanto, ela opera principalmente de conformidade com as decisões e os objetivos, ou simplesmente os interesses, dos Estados Unidos. Assim, a OTAN pode ser vista como mais um exemplo de federalismo, mas desde um núcleo predominante de poder, como ocorre com o FMI, o BIRD; com sérias implicações para as nações e os povos atingidos ou influenciados por suas decisões e atividades.

Na maioria dos casos, o **federalismo nacional**, tem muito de

endógeno. Nasce e dinamiza-se a partir de forças político-economicas internas. E mobiliza experiências e inquietações anteriores, ou mesmo antigas, já que são muitas as nações atravessadas pelas disparidades e desigualdades internas. São disparidades e desigualdades que envolvem não só a economia, mas também a política e a cultura, ou tudo o que é social. São diversidades e tensões também étnicas, linguísticas, religiosas, além das que se traduzem no contraponto campo e cidade, agrário e industrial, sertão e litorial, vale e montanha, nativo e estrangeiro, colonizado e colonizador. Esse o contexto em que germino a necessidade e a urgência de. federação. Esse o dilema básico de muitas nações, compreendendo não só a Índia e o México, a Africa do Sul e o Brasil, mas também a Italia e a Espanha, a Russia e os Estados Unidos.

Mas cabe reconhecer que a ressurgência do federalismo nacional tem raizes também no modo pelo qual se desenvolve a globalização do capitalismo; já que essa globalização compreende sempre relações, processos e estruturas que ativam diversidades e desigualdades, convergências e antagonismos ou fissuras e rupturas. E a sociedade nacional e a realidade na qual se manífestan mais direta e drasticamente essas tendências. São muito sintomáticos, aliás, os localismos e provincianismos que se multiplicam no novo mapa do mundo. Problemas locais e provincianos antigos, que não chegaram a ser adequadamente equacionados, seja com a revolução burguesa, seja com a revolução socialista, ressurgem como se fossem irupções arqueológicas. Daí a crice mais ou menos grave do Estado-Nação, acompanhada do retorno da questão nacional, da ressurgência do federalismo nacional.

Vistos assim, em perspectiva ampla, os federalismos nacional, regional e mundial fazem parte da mesma nebulosa, da mesma configuração histórico-social, ou da mesma totalidade geohistórica. São expressões distintas e similares, uma vezes convergentes e outras alheias ou antagônicas, por meio das quais as manifestam dilemas e perspectivas de um novo mapa do mundo. Um mapa no qual tudo parece situado, evidente, explicado; no entanto inquietante, surpreendente, atravessado por outros e novos significados.

Federalizar significa descentralizar. Envolve a flexibilização das instituições e entidades, de forma a pluralizar as condições de decisão e atuação, produção e repartição. Federalizar, ou descentralizar, compreende necessariamente a redefinição dos

objetivos e meios com os quais atua o poder central. Diante de tendências mais ou menos impositivas e autoritárias inerentes ao centralismo, são muitos ou que, em todos os setores sociais, buscam pluralizar, flexibilizar, descentralizar; ou seja, o federalismo.

Mas federalizar não é necessariamente democratizar, se entendemos a democracia como o governo de todos ou da maioria, enquanto democracia política e social. Há federalismos que realmente expressam conquistas democráticas, ou criam as suas condições. Mas há federalismos que se destinam a acomodar interesses oligárquicos, de blocos de poder prevalecendo-se sobre classes e grupos sociais subalternos. São frequentes os casos nos quais federalizar pode ser uma técnica de acomodação de interesses antagônicos, distenção de situações conflitivas, redietribuição de decisões, atividades, prerrogativas e vantagens de alguns sobre muitos. Por enquanto, os federalismos prevalecentes em âmbito nacional, regional e mundial são principalmente neoliberais. Mas há tendências incipientes em outras direções, tais como sociais-democraticas e mais propriamente socialistas

7. Neo-Socialismo

Visto assim, em perspectiva histórica ampla, o capitalismo revela-se, mais uma ves, um modo de produção, ou seja, transitório. Tanto forma-se e transforma-se comn germina realizações e tensões, guerras e destruíções, inquietações e revoluções. Está contínua e reiteradamente desafiado pelas próprias criações e contradições. A expansão das suas forcas produtivas, compreendendo a transnacionalização das classes sociais e grupos sociais, bem como a formação de estruturas mundiais de poder, promove a integração e a fragmentação, a interdependência e a exclusão, as diversidades e as desigualdades, as mais diversas formas de alienação e as mais originais e audaciosas lutas pela emancipação. Nesse sentido é que a dinâmica e a envergadura do novo ciclo de globalização do capitalismo pode produzir as condições e as possibilidades de sua superação pelo socialismo, visto como outro e novo modo de produção e processo civilizatório[24].

O socialismo volta a ser um tema presente e recorrente em muitas situações e inquietações, movimentos sociais e reivindicações, assim como em debates e produções intelectuais. Depois de décadas de satanização dos governos e regimes socialistas que acabaram

desabando com o bloco soviético, salvo Cuba e China; e depois da euforia ideológica que levou à ilusão do "fim da geografia" e do "fim da história", já são muitos, em todo o mundo que se colocam a hipótese de pensar e agir, reivindicar e realizar a "globalização desde baixo"; construir outra e nova forma de organização social da vida e trabalho, outro modo de organizar a produção, distribuição, troca e consumo, outras formas de sociabilidade e outros modos de ser.

Em diferentes linguagens e em distintas culturas e cilizações, já são muitos os movimentos sociais partidos políticos, sindicatos e correntes de opinião pública que as colocam a possibilidade, a necessidade e a urgência do socialismo. É cada vez maio evidente que muitos, em todo o mundo, reconhecem que o neoliberalismo apenas reitera as exigências e as diretrizes do que foi o liberalismo, agora em escala mundial. Assim como é cada vez mais evidente que o neoliberalismo, enquanto teoria, prática e ideologia do novo ciclo do capitalismo, pelas desigualdades, tensões e contradições que provoca, germina as condições e as possibilidades do socialismo. Sim, o socialismo pode ser visto como um modo de produção e processo civilizatorio que se insere no jogo das forças sociais, nas desigualdades e contradições, nas reivindicações e lutas sociais de amplos e crescentes setores sociais subalternos, em todo o mundo.

Mas podemos denomina-lo **neo-socialismo**. Trata-se de um modo de produção e processo civilizatório que se alimenta e desenvolve no âmbito das relações, processos e estruturas de dominação política e apropriação econômica desenvolvidas em escala mundial. Alimenta-se e desenvolve-se com a transnacionalização das forças produtivas, ou seja, do capital, tecnologia, força de trabalho, divisão do trabalho social, mercado, planejamento e violência, em escala mundial; dinamizadas com e pelas corporações transnacionais, em combinação com as organizações multilaterais. Está situado no jogo das forças sociais que se desenvolvem em âmbito transnacional, compreendendo as classes sociais e os grupos sociais; tanto os diversos segmentos das burguesias como dos diferentes setores das classes assalariadas; todas recriadas e dinamizadas segundo as escalas do globalismo; grupos sociais dentre os quais estão os gêneros, as idades ou gerações, as etnias, as línguas e as religiões.

Neo-socialismo, também porque compreende uma avaliação

crítica dos governos e regimes políticos socialistas ensaiados nos quatro continentes; compreendendo muitas das suas realizações inovadoras, em termos sócio-culturais e político-economicos; compreendendo inclusieve e avaliação crítica de continuidade e transformações em curso nos regimes socialistas em Cuba e na China; compreendendo, ainda, as contribuições originais e fundamentais de pensadores situados em diferentes correntes de pensamento e em distintos paises e continentes. Um conjunto de avaliações, realizações e criações teóricas e-práticas, científicas, filosóficas e artísticas, com as quais se expressam e desenvolvem as configurações e os movimentos da História.

Notas

[1] Aldo Ferrer; *História de la Globalización*, 2 vols., Fondo de Cultura Economica, Mexico, 1996 e 2000; Víctor Flores Olea e Abelardo Mariña Flores, *Crítica de la Globalidad*, Fondo de Cultura Económica, Mexico, 1999; Giovani Arrighi, *O Longo Século XX*, trad. Vera Ribeiro, Editora Unesp, São Paulo,1996.

[2] Samir Amin, *El Capitalismo en la Era de le Globalización*, trad. de Rafael Grasa, Paidos, Buenos Aires,1998; Charles-Albert Michlet, *O Capitalismo Mundial*, trad. de Salvador M. Cordaro, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1984; David C. Korten, *Quando as Corporações Regem o Mundo*, trad. Anna T. Giova, Editora Futura, São Paulo,1996.

[3] Peter F. Cowhey e Jonathan D. Aronson, *Managing the World Economy*, Council on Foreing Relations Prese, New York, 1993; Gerald Epstein, Julie Graham e Jessica Nembhard (Editors), *Creatin a New World Economy*, Temple University Press, Philadelphia,1993.

[4] John Gray, Falso Amanhecer (Os Equívocos do Capitalismo Global), trad. de Max Altman, Editora Record, Rio de Janeiro, 1999; Joseph E. Stiglitz, A Globalização e Seus Malefícios, trad. de Bazán Tecnologia e Linguística, Editora Futura, São Paulo, 2002.

[5] Paul L. Knox e Peter J. Taylor (Editors), *World Cities in a World-System*, Cambridge University Press, Cambridge, 1995ISMS

[6] John Williamson (Editor), *The Political Econconomies of Policy Reform*, Institute for International Economics, Washington, 1994; Henry Veltmeyer, James Petras e Steve Vieux, *Néoliberelismo and Clase Conflict in Latin America* (A Comparative Perepective on the Political Economy of Structural Adjustment), St. Martin's Press, New York, 1997.

[7] Denise Neúmann, "Empresas da AL Perdem us$ 100 bi de Valor em 2002", *Valor*, São Paulo, 23 de agosto de 2002, p. A 12.

[8] Eugenio Ortega R., "Una Reflexion Crítica para Enfrentar Pobreza y Desigualdad", Fernando Solana (Coordinador), *América Latina XXI: Avanzará*

o Retrocederá In Pobreza?, Fondo de' Cúltura Económica, Mexico, 2002, pp. 27-37; citação das pp. 32-33.

[9] Transparência Intérnácional, "Corrupção Piora na América Latina", *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 de agosto de 2002, p. A 11. "Transparencia Internacional" é uma ONG baseada em Berlin.

[10] Celeo Furtado, Em Busca de Novo Modelo, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2002, p. 11.

[11] Ariel Palacios, "Pobreza e Desemprego fazem Criminalidade Disparar no Pais", O Estado de S. Paulo, São Paulo,19 agosto 2002, p. B14.

[12] Eugenio Ortez R., "Una Reflexión Crítica para Enfrentar Probreza y Desigualdad", Fernando Solana. (Coordinador), América Latina XXI: Avanzará o Retrocederá la Pobreza?, citado, p. 34.

[13] Samuel Pinheiro Guimarães, "A Maior Ameaça e Soberani Brasileira", Altamiro Borges" (Organizador), *Para Entender e Combater a ALCA*, Anita Geribaldi, São Paulo, 2002, pp. 45-52; citação pp. 49-50.

[14] Paulo Nogueira Batista Jr., "ALCA e FMi", *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 de setembro de 2002, p. B-2.

[15] Jonathan Salant, "EUA têm mais de 6 milhõee de condenados", *Folha-de S.. Paulo*, São Paulo, 27 de agosto de 2002, p. A 9.

[16] Fox Butterfield, "Total de negros presos nos EUA quintuplica", *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 de agosto de 2002, p. A 13.

[17] John Gray, *Falso Amanhecer*, (Os Equivocos do Capitalismo Global), trad. de Max Altman, Editora Record, Rio de Janeiro, 1999; Joseph Stiglitz, *A Globalização e Seus Maleficios*; trad. Bazán Tecnologia e Lingguistica, Editora Futura, São Paulo, 2002; David C. Korten, *Quando as Corporações Regem o Mundo*, trad. de Anna Terzi Giova, Editora Futura, São Paulo, 1996.

[18] Joseph A. Shumpeter, *Capitalismo, Socialismo e Democracia*, trad. Sergio Góes de Paula, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1984, esp. cap. VII: "Processo de Destruição Criativa", pp. 110-116; Christopher Wood; "Aceitem a Destruição Criativa", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23 de outubro de 1998, p. B-8.

[19] Octavio Ianni, *Enigmas de Modernidade-Mundo*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2000, esp. cap. VI: "O Principe Eletrónico"; Giovani Sartori, *Homo Videns* (La Sociedad Teledirigida), Taurus, México, 1998; Pierre Bourdiu, *Sobre Televisão*, trad. de Maria Lúcia Machado, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1997.

[20] Daniel García Delgado, *Estado-Nación y Globalización*, Ariel, Buenos Aires, 1998; Joseph A. Cemilleri e Jim Falk, *The End of Severeignty?* (The Politics of a Shrinking and Fragmenting World) Edward Elgar, Aldershot, England, 1992.

[21] José Seoane e Emilio Taddei (Compiladores), *Resistencia Mundiales* (De Seattle a Porto Alegre), Clacso, Buenos Airres, 2001; Ingvar Carlsson e Shridath Ramphal (Editors), *Our Global Neighbourhood* (The Report of the Commission on Global Governance), Oxford University Press, 1995.

[22] Giovanni Arrighi, Terence B. Hopkins e Immanuel Wallerstein, *Movimientos Antisistémicos*, trad. de Carlos Prieto del Campo, Ediciones Akal, Madrid, 1999; Pablo Gonzalez

Casanova, *O Colonialismo Global e a Democracia*, trad. de Márcia C. Cavalcanti, Editora Civilizaçáo Brasileira, Rio de Janeiro, 1995; Samir Amin, *Los desafíos de la Mundialización*, trad. de Marcos Cueva Perus, Siglo Veintiuno Editores, México, 1997, especialmente caps. 11 e 12; Immanuel Wallerstein, *Después del Liberalismo*, trad. de Stella Mastrángelo, Siglo Veintiuno Editores, México, 1996, esp. Quarta Parte; *Science & Society*, "Building Socialism Theoretically: Alternatives to Capitalism and the Invisible Hand", Edição Especial, Vol. 66, N° 1, New York, 2002.

[23] Barbara Walker (Editor), *Uniting the Peoples and Nations* (Readings in World Federalism), World Federalist Movement, New York, 1993; Danilo Zolo, *Cosmopolis* (Prospects for World Government), Polity Press, Cambridge, 1997; David Held, *Democracy and the Global Order*, Polity Press, Cambridge, 1995.

[24] Samir Amin, *Los Desafíos de la Mundialización*, trad. de Marcos Cueva Perus, Siglo Veintiuno Editores, México, 1997; Pablo González Casanova, *O Colonialismo Global e a Democraoia*, trad. de Márcia C. Cavalcanti, Editora Civilizaçáo Brasileira, Rio de Janeiro, 1995; Immanuel Wallerstein, *Despues del Liberalismo*, trad. de Stella Mastrángelo, Siglo Veintiuno Editores, México, 1996; Science & Society, *Building Socialism Theoretically: Alternatives to Capitalism and the Invisible Hand*, The Guilford Press, New York, 2002; Giovani Arrighi, Terence K. Hopkins e Immanuel Wallerstein, *Movimientos Antisistémicos*, trad. de Carlos Prieto del Campo, Ediciones Akal, Madrid, 1999.